

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Retratos da infância na construção de Brasília

Mônica Padilha Fonseca
Universidade de Brasília - UnB
monica.fonseca@ifb.edu.br

Maria Lidia Bueno Fernandes
Universidade de Brasília - UnB
mlidia@unb.br

Resumo

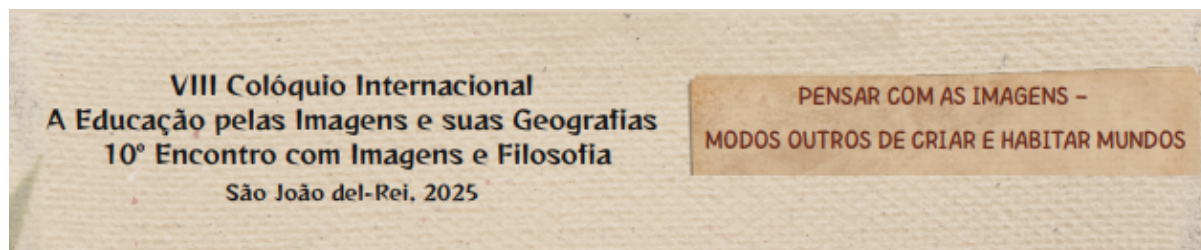
O tema deste trabalho é a infância em Brasília, com foco no período de construção da cidade. A metodologia utilizada é a análise de fotografias, entendidas como fonte histórica, uma vez que a imagem captada é uma representação a partir do real (Kossoy, 2009). O estudo e interpretação das fotos se apoia em pesquisas sobre o planejamento urbano e a formação social da capital, usando autores como Derntl (2020a, 2020b), Pereira et al., (2018; 2011), Bicca (1985) e Holston (1993). O acervo pesquisado é do Arquivo Público do Distrito Federal, sendo o critério de seleção fotos do final dos anos 1950 e início dos anos 1960 em que crianças aparecem como sujeitos principais em diferentes contextos — moradia, escola, trabalho e lazer. Das fotografias encontradas, destacam-se crianças nas escolas, nos alojamentos e no cotidiano das vilas, circulando em relativa liberdade, muitas vezes descalças ou com roupas simples e participando de atividades coletivas com os adultos. Neste contexto inicial, não há indícios de uma separação rígida dos mundos adulto e infantil, que só se consolidou com a construção de escolas. A fotografia escolhida para análise permite uma leitura da experiência infantil, mostrando a coexistência de alegria aparente e contradições invisíveis, que dificilmente seriam captadas apenas por documentos escritos. Compreender a infância nesse contexto exige analisar tanto a materialidade urbana quanto às práticas cotidianas, reconhecendo que a vida das crianças esteve intimamente ligada à dinâmica social, econômica e afetiva que moldou a capital.

Palavras-chave: infância; fotografia histórica; Brasília.

Introdução

Este trabalho analisa como a infância é retratada no início de Brasília, durante sua construção, tomando a fotografia como fonte histórica. Com base no acervo do Arquivo Público do DF, selecionamos uma imagem que orienta a questão central: como viviam as crianças nesse período?

Para compreender melhor o contexto da foto, é preciso contrapor a narrativa sobre a construção de Brasília apenas como um feito monumental e a concretização de um sonho coletivo. Autores como Bicca (1985) mostram que, desde sua construção, Brasília já revelava contradições inerentes à formação social brasileira. Enquanto JK, Ernesto Silva e Lúcio Costa (Oliveira, 1974; Silva, 1970; Costa, 1974) atribuíram os desvios do projeto ao enfrentamento político ou à ditadura militar, Derntl (2020a, 2020b) argumenta que tais contradições já



estavam inscritas no planejamento. Para ela, Brasília não passou por uma ocupação desordenada, mas sim pela implementação intencional de um cinturão verde e da criação de cidades-satélites, que funcionaram como uma barreira de exclusão, afastando populações de baixa renda. Nesse contexto, milhares de trabalhadores migrantes foram explorados em condições precárias e, depois, afastados do Plano Piloto, na chamada “segregação planejada” (Holston, 1993). A cidade ergueu-se, assim, sobre a exploração da mão de obra e sobre a marginalização dos candangos e suas famílias.

Metodologia

A pesquisa fundamenta-se na análise da fotografia como fonte histórica, considerando-a não apenas registro documental, mas construção social e discursiva - uma representação a partir do real (Kossoy, 2009). O levantamento concentrou-se em imagens em que crianças são os sujeitos principais. O acervo é do Arquivo Público do Distrito Federal, com recorte do final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Reconhecemos os limites do material, marcado pelo anonimato dos fotógrafos e dos sujeitos retratados.

Para Coutinho, “[...] retirada do local onde repousa, cada fotografia pede, a cada pessoa diferente que a vê, para ser vista a seu próprio modo” (2018, p.44). Assim, o processo de análise teve uma etapa mais descritiva, destacando elementos como cenários, roupas, gestos, composição da cena para em seguida interpretar de forma imaginativa, com base nos estudos da época.

Análise e resultados.

Segundo Moura e Anjos (2023), em março de 1957, havia 371 crianças nos principais acampamentos do Distrito Federal. No mesmo ano, a *Revista Brasília* registrou a distribuição de presentes de Natal para 1.680 crianças. Esses números indicam o rápido crescimento populacional, com a chegada constante de novas famílias à cidade. A presença das crianças no início de Brasília era significativa, mas temos poucos trabalhos sobre o tema.

Ao analisar o acervo fotográfico, identificamos imagens de crianças em dois contextos principais: a escola e os espaços do cotidiano. Excluindo as fotografias ligadas diretamente ao ambiente escolar encontramos dez registros. Chegamos então na foto que é objeto de análise: duas crianças descalças sentadas em caixotes, uma delas segura em uma cerca de arame farpado.

Figura 1 – Pessoas anônimas durante a construção de Brasília. Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal, Acervo Iconográfico Novacap, NOV-D-4-4-C-4 (1927), 1956-1960.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

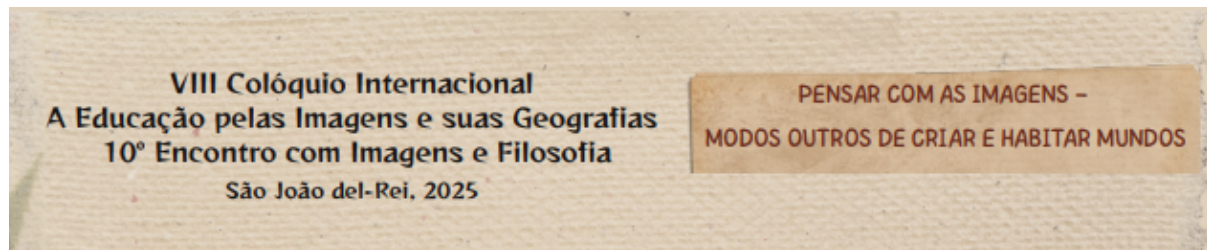
PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS



A partir daqui vamos exercitar a imaginação juntamente com as informações desse momento histórico. Ao que parece, as crianças estavam em seu terreno de moradia, em barracos de madeira, na Cidade Livre. Era proibido construir qualquer obra em alvenaria, pois as vilas, a princípio, seriam provisórias (Holston, 1993).

Ao observar outras imagens dessa época, nota-se uma tendência de pessoas em um ambiente hostil, mas sorridentes. Ao olhar de perto, encontramos detalhes reveladores: a expressão de preocupação da mulher ao fundo, não reflete tanto o fato das crianças pequenas estarem “brincando” com um arame farpado, mas o estranhamento de ser fotografada em um ambiente adverso. O acesso à água e a bens materiais eram escassos. Mesmo assim, o clima a ser divulgado era que tudo funcionava bem.

As crianças, assim como Brasília, exerciam seu dever. Transitando em liberdade de movimentação, elas vivenciavam uma organização coletiva diferente, pois todos ali eram migrantes, compartilhando uma vida nova em que a solidariedade era questão de sobrevivência. Quem as acompanhava? Essa tarefa era coletiva, sem que houvesse alguém exclusivamente responsável, o cuidado ia além dos progenitores. A própria figura adulta na foto não possui traços parecidos aos das crianças. Hoje em nossa organização social brasileira, praticamente não se vê crianças sozinhas ou em grupos na rua. Como observa Coutinho, “ao buscar a fotografia como fonte da história, talvez mais do que em documentos



de outra natureza, é preciso assumir que existe uma tristeza, um pesar, por algo que se perdeu nessa mesma história” (2018, p. 40).

Outros aspectos precisam ser levados em conta, o ambiente era predominantemente masculino, como isso impactava nas relações com as crianças? E as condições concretas? Onde dormiam? Seus barracos tinham conforto? Durante o dia, provavelmente acompanhavam as mulheres que trabalhavam nas vilas, mantendo a vida de todos — elas certamente trabalhavam também. Diferente da tendência posterior de separar espaços específicos para crianças (Qvortrup, 2014), nesse período elas faziam parte do mundo dos adultos, como ainda ocorre em comunidades quilombolas, indígenas ou no período pré-industrial. Hoje o único espaço dedicado exclusivamente às crianças é a escola. Até a criação da primeira em 1957 (Pereira et al., 2011), não havia escola, nem para as crianças com mais renda. Após a inauguração de Brasília, a segregação social se intensificou e as crianças foram gradualmente afastadas da vida comunitária, tendo a escola como o principal espaço de socialização.

Considerações Finais

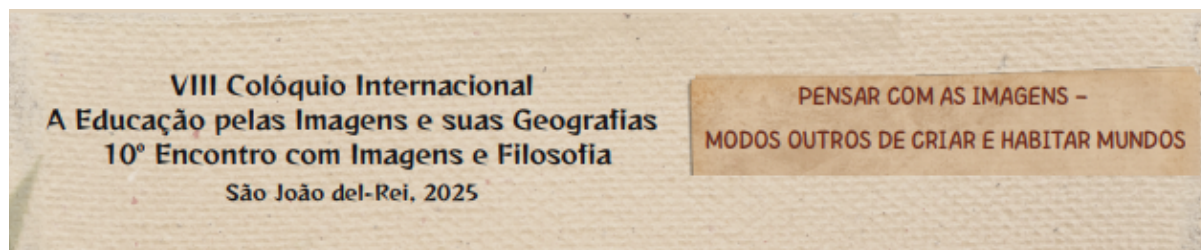
A análise das fotografias do período de construção de Brasília evidencia como a infância esteve marcada por condições de vulnerabilidade, mas também por formas de sociabilidade e vivência coletiva que escapavam das categorias adultocêntricas contemporâneas. A vida era costurada entre a precariedade habitacional, a exploração da mão de obra de seus familiares, inseridas em um cotidiano compartilhado de solidariedade em que podiam circular em relativa liberdade. Nesse sentido, como aponta Coutinho (2028), a fotografia tem a potência de despertar do passado elementos que permanecem vivos e significativos no presente. Ao narrar e expressar essas histórias por meio das imagens, é possível constituir tanto os sujeitos representados quanto aqueles que hoje se reconhecem nessas narrativas. As fotografias, portanto, não são meros registros documentais, são instrumentos de memória e interpretação social. Recuperar essas imagens é um modo de reconhecer as crianças como parte social na origem à nova capital.

Referências:

BICCA, Paulo. Brasília: mitos e realidades. In: PAVIANI, Aldo (Org.). *Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão*. São Paulo: Projeto, 1985.

COSTA, Lucio. Considerações em torno do Plano-Piloto de Brasília. In: *Anais do I Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília. Estudos e debates*. Brasília: Senado Federal, 1974. p. 21–29.

COUTINHO, Laura Maria. Ver os olhos que viram: fotografia e memória no Museu da Educação do Distrito Federal. In: PEREIRA, Eva Waisros; COUTINHO, Laura Maria;



RODRIGUES, Maria Alexandra Militão (Orgs.). *Anísio Teixeira e seu legado à educação no Distrito Federal: história e memória*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2018.

DERNTL, Maria Fernanda. Brasília e suas unidades rurais: planos e projetos para o território do Distrito Federal entre fins da década de 1950 e início da década de 1960. *Anais do Museu Paulista*, 2020a.

DERNTL, Maria Fernanda. Brasília e seu território: a assimilação de princípios do planejamento inglês aos planos iniciais de cidades-satélites. *Cadernos Metrópole*, 2020b.

HOLSTON, James. *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MOURA, Gleuze Pereira Marinho; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. A infância no tempo da construção da nova capital brasileira: representações nas páginas da *Revista Brasília* (1957-1960). *Albuquerque: revista de história*, v. 15, n. 30, p. 227-245, jul./dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.46401/ardh.2023.v15.19312>.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. *Por que construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

QVORTRUP, Jens. Visibilidades das crianças e da infância. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 23-42, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4250>. Acesso em: 23 maio 2025.

REVISTA Brasília. *Revista Brasília*. Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF), Brasília, DF. Disponível em: <https://www.arquivopublico.df.gov.br/revista-brasil>. Acesso em: 23 ago. 2025.

SILVA, Ernesto. *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*. Brasília, DF: Coordenada, 1970. v. 1.

[PESSOAS anônimas – autor não informado]. 1956-1960. Fotografia. Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília, DF. Acervo Iconográfico Novacap, NOV-D-4-4-C-4 (1927).